

*Diana Babini Lapa de Albuquerque\**  
*Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo\*\**  
*Ivana Arrais de Lavor Navarro Lins\*\*\**

## UMA PROPOSTA DE ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

**ABSTRACT:** The present study outlines to keep the institutionalized language of the aged people in functioning through the interaction with the others. The motivation of this research was based on the interest in studying the institutionalized language of the aged people, once that speech therapy literature just approaches the work with aged people under pathological point of view (i.e., disturbs, such as: audition, voice, motor and language), without checking, the citizens which do not present any speech therapy problem, a possibility of intervention in their language. The study of the institutionalized language of the aged people is a new subject of the speech therapy field knowledge; not because is a work that has being done in geriatric institutions, but, for being an innovative theory that emphasizes the language functioning under a non-pathological process perspective, opening, then, new horizons of work. For this reason, 20 aged people were selected from a public geriatric institution in Recife city and then, group sessions were done. These sessions were recorded for a later analysis. From their speeches, were identified some aspects, namely: relations between force and direction, anticipations, silences, childish language, among others. It is relevant to observe that the speech therapy support to the aged people is fundamental in order to guarantee a better language performance, given that during the sessions, it was in a constant movement.

**KEY-WORDS:** Aged people institutionalized; speech therapy; language.

### Introdução

Esta pesquisa surgiu do interesse em estudar a linguagem de idosos institucionalizados, uma vez que a literatura fonoaudiológica contempla o trabalho com idosos sob o ponto de vista das patologias, ou seja, distúrbios auditivos, de voz, motores e de linguagem, sem conferir aos sujeitos que não apresentam quaisquer comprometimentos de ordem fonoaudiológica uma possibilidade de intervenção em sua linguagem.

---

\* Fonoaudióloga pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

\*\* Professora Adjunto da graduação e da pós-graduação de Fonoaudiologia da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

\*\*\* Fonoaudióloga pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

O trabalho teve como objetivo geral manter a linguagem do idoso institucionalizado em funcionamento através da interação com o outro, a fim de proporcionar maiores possibilidades de se evitar quadros como depressão, ansiedade, demência e outras situações relacionadas à ausência de atividades de linguagem.

O estudo da linguagem do idoso institucionalizado é um tema novo no campo da Fonoaudiologia, não por ser um trabalho realizado em instituições geriátricas, mas sim, por partir de uma teoria inovadora que enfatiza o processo de funcionamento da linguagem sob um olhar não patológico, abrindo, então, novos horizontes de trabalho.

Esta pesquisa fundamentou-se na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, tal como desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e na teoria Interacionista proposta por Lemos (1999; 2000), que considera a linguagem como constituinte do sujeito e a interação com o outro como fundante deste processo, partindo do princípio que a interação “*é uma condição necessária*” (Lemos, 1999, p. 128), pois o outro, como meio de movimentação da língua, estabelece uma relação social, propiciando o funcionamento da linguagem do idoso constituída através dos processos de interação realizados com este.

### **O idoso institucionalizado**

De acordo com Rodrigues *et al.* (1996), o envelhecimento é um processo universal que se refere a um fenômeno fisiológico, social e ainda cronológico. O homem em desenvolvimento durante o ciclo de vida é um ser biopsicossocial, podendo sofrer influências e influenciar o ambiente em que vive, num processo de adaptação em suas relações com o mundo. Assim, o ambiente físico, político e cultural no qual o indivíduo estiver situado, poderá facilitar ou dificultar o processo de adaptação, acelerando ou retardando o envelhecimento.

Nos dias atuais, o envelhecer não é mais uma exceção, e sim, uma regra. Porém, esta é individual para cada ser humano, podendo ocorrer de diversas maneiras.

Na verdade, o idoso pode e deve estar engajado no social, exercendo qualquer tipo de atividade para a qual esteja preparado e que lhe dê prazer, mas muitas vezes a situação político-social do país o impede de exercer tal atividade.

Nas relações interpessoais cotidianas, observamos uma série de interesses que se definem de acordo com a nossa compreensão e/ou interesse. Construímos conceitos, julgamentos e explicações e sempre rotulamos os diferentes grupos existentes em nossa sociedade.

De acordo com Dias (1998), existem diferenças importantes entre “ser

velho” e “estar na terceira idade”. Ou seja, diferentes imagens da velhice podem ser produzidas pela forma como os meios sociais tratam os idosos.

“*Ser velho*”, na representação de Dias (1998), também se relaciona à idéia de perdas – sejam elas biológicas ou sociais. O termo traz consigo a idéia de estagnação e de inutilidade, além da falta de capacidade pessoal e isolamento social. Associa-se a uma imagem negativa desta fase de vida, vinculada a imagem estereotipada do aposentado, isto é, pessoa que não tem espaço no mercado produtivo e nem uma função social. O ser velho significa ser aquele indivíduo que se encontra no final da vida, esperando a morte.

Porém, se a sociedade tem outra imagem do idoso, isto é, a sociedade o vê como um indivíduo que “*está na terceira idade*”, toda a situação muda. Ainda de acordo com Dias (1998), “*estar na terceira idade*” significa ser uma pessoa que busca constantemente modernizar-se para acompanhar as mudanças sociais.

### **Análise de discurso**

De acordo com Orlandi (2000), a Análise de Discurso (AD, como será chamado daqui por diante), como o próprio nome diz, trata do discurso propriamente dito e não da língua e/ou gramática existentes, mesmo que estas a interessem. Aqui, observa-se o indivíduo falando, buscando compreender a língua, produzindo sentidos.

Assim, as palavras do nosso cotidiano chegam a nós cobertas de sentidos. Não se sabe a origem destes; sabe-se, porém, que estes significam tanto em nós quanto para nós.

Ao se analisar o discurso, percebe-se que a linguagem é a ponte que une o homem a sua experiência natural e social. É através dela que há sentido das realizações humanas no tempo e no espaço. Esta união é o que torna possível a permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. Com isso, percebe-se que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem linguagem, onde a língua se abriga e faz sentido.

A AD considera a linguagem como algo materializado ou, melhor explicando, como algo não transparente. Desta forma, o que se procura extrair do texto não é o que a linguagem quer dizer e sim como ela significa. A linguagem existente no discurso oferece conhecimento próprio, já que possui a sua materialidade específica, demonstrando, então, a sua discursividade, sua significação.

Quando se pensa no discurso, ao analisá-lo, não se vê como um processo de comunicação, no qual o emissor é separado do receptor atuando numa

seqüência, existindo apenas, transmissão e informação, e sim, como algo onde se realiza ao mesmo tempo o processo de significação, existindo um complexo processo de constituição do sujeito juntamente com a produção de sentidos. A linguagem, dentro do discurso, serve para comunicar e/ou não comunicar, no qual seus efeitos são múltiplos e variados, causando efeitos de sentidos.

A linguagem que existe no discurso é linguagem porque elicitando efeito em quem a usa; porém, ela faz efeito porque está presente na história, no cotidiano dos seres humanos. É através da linguagem que a AD compreende como os objetos simbólicos, inseridos na linguagem, produzem efeito. Quando se analisa um discurso, o que se observa na linguagem é a sua inteligibilidade, a interpretação que se faz dela e a compreensão que ela deixa nos locutores, enfim, o efeito que a linguagem faz nos locutores. Ainda assim, o que pode fazer efeito num locutor pode não fazer em outro. Nem sempre o mesmo trecho da linguagem surte efeito em diferentes pessoas. Pode até surtir efeito, mas este será diferente.

Os dizeres, quando expressados, não têm apenas mensagem a ser codificada. Têm efeitos de sentido que são produzidos de alguma maneira estando presente no discurso, na forma como se diz, na pista que se deixa. Estas pistas são possíveis de serem compreendidas, ou melhor, os sentidos existentes nestas pistas são compreendidos. Estes sentidos têm a ver com o que foi dito, o que não é dito e o que poderia ter sido dito e não foi.

Pode-se dizer que os sujeitos e sentidos ficam sempre em movimentos por existir, no discurso, o eixo parafrástico e o polissêmico. O parafrástico é o que se mantém, é o dizível, é a memória. Melhor explicando, é o retorno ao mesmo. Já o polissêmico é a ruptura dos processos de significação, é o deslocamento. A paráfrase e a polissemia são o mesmo e o diferente, são o já dito e o a se dizer. Neste jogo, os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos e assim, significam.

### **Teoria interacionista proposta por Lemos**

Neste aspecto abordado será utilizado o arcabouço teórico da Proposta Interacionista em aquisição de linguagem, proposto por Cláudia Lemos. Mesmo este tendo como objetivo estudar a aquisição da linguagem, foi tido como intuito compreender o funcionamento peculiar da linguagem do sujeito idoso institucionalizado, apresentando, mais tarde, as análises de discurso de idosos, fundamentadas nesta teoria.

Lemos (1999) relata que o processo da Curva-em-U ocorre na criança em três posições de falante:

A primeira posição de falante é uma fase inicial de acertos onde a fala da criança está limitada, localizada na fala do outro.

A segunda posição de falante é a fase dos erros, que na verdade são grandes acertos. Aqui, a língua começa a fazer efeito na criança, pois ela está em movimento.

E, por fim, a terceira posição de falante. Nela ocorre o desaparecimento dos erros, caracterizando o estado estável da língua da criança. A fala atinge a sua homogeneidade caracterizada por pausas, reformulações e auto-correções.

De acordo com Lemos (2000), ainda que estas três posições se manifestem no tempo cronológico, não significa dizer que apenas quando o indivíduo é criança está submetido a esta transformação no seu desenvolvimento enquanto falante. O indivíduo idoso é igualmente submetido ao funcionamento da linguagem, pois ele, o idoso, transita tanto quanto a criança pela linguagem, ou melhor explicando, tem a sua linguagem sempre em movimento.

O idoso, por sofrer algumas transformações na sua linguagem, é que necessita de uma interação maior com o mundo, com o outro, para poder ter sua posição e singularidade de sujeito-falante.

O indivíduo, ao utilizar a linguagem, põe em uso processos de linguagem, permitindo, desta forma, o aparecimento tanto na sua fala quanto na fala do outro, de ações metonímicas e metafóricas. Essas ações dão origem a processos reorganizacionais, nos quais o eixo metafórico e metonímico do idoso se movimenta, trazendo como consequência o funcionamento lingüístico do seu discurso.

Assim, gostaríamos de enfatizar a utilização do arcabouço teórico da Proposta Interacionista em aquisição de linguagem, proposto por Cláudia Lemos, com o intuito primordial de estudar e compreender o funcionamento peculiar da linguagem do sujeito idoso institucionalizado. Apresentaremos, mais tarde, as análises de discurso de idosos, fundamentadas nesta teoria.

## **Método**

### **Sujeitos:**

Para atender aos objetivos propostos na pesquisa, foram selecionados 20 idosos que se encontravam inseridos em uma instituição geriátrica pública, na cidade do Recife.

Pretendíamos, com isto, comprovar que os idosos que interagiram em grupo com o fonoaudiólogo e/ou familiares e os outros idosos recuperaram a sua atividade mais prazerosa: interação social por meio da linguagem.

Vale salientar que das vinte idosas selecionadas, duas desistiram (uma deixou a instituição e a outra, negou-se a participar).

É importante salientar que os nomes utilizados, referidos a cada idosa participante no estudo em questão, foram fictícios.

## **Seleção dos Idosos**

Os idosos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: idade mínima de 60 anos para os idosos e a vinculação a uma instituição geriátrica, independente do sexo, sendo excluídos apenas os que apresentaram patologias relacionadas à ausência de atividades de linguagem, cuja etiologia fosse neurológica.

## **Material**

- Gravador
- Fitas cassete

## **Método**

Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi.

## **Procedimento**

Esta pesquisa foi desenvolvida com a atuação de duas estudantes de Fonoaudiologia, orientadas por uma professora/fonoaudióloga, em um período de 11 meses, em uma instituição geriátrica pública.

Essa atuação foi realizada em três momentos:

Primeiro momento: Interação individual com os idosos da instituição, sendo o discurso pesquisador X idoso analisado pelo pesquisador. No primeiro contato com os idosos participantes da pesquisa foi realizada uma conversa informal de acordo com o assunto abordado pelo idoso. Esta conversa teve dois objetivos: a familiarização dos idosos com a pesquisa; e um conhecimento pessoal mútuo.

Estas sessões iniciais foram gravadas em fitas cassete; posteriormente transcritas e analisadas.

Para a realização das análises, selecionamos fragmentos das próprias sessões, e assim, constituímos recortes discursivos, que melhor esclarecem a natureza da análise.

As análises foram realizadas com base no funcionamento discursivo dos sujeitos, sendo, então, destacadas as propriedades discursivas. A partir daí, iniciamos o segundo momento.

Segundo momento: partindo da análise individual, começamos a atuar com os sujeitos a partir da interação. Como forma de promover esta interação,

utilizamos atividades em grupo, através da conversa espontânea para facilitação do processo de funcionamento da linguagem.

Durante a interação, estavam sendo gravados os discursos desses idosos com o restante do grupo e o investigador para posterior análise, sendo que nestas reuniões a proposta terapêutica já estava sendo empregada.

Os discursos também foram gravados em fitas cassete, posteriormente transcritas e analisadas.

Analisamos os discursos dos idosos e os articulamos aos conhecimentos previamente adquiridos, a fim de promover um melhor funcionamento da linguagem, através da atuação fonoaudiológica junto a esses, prevenindo o aparecimento de situações relacionadas à ausência de atividades de linguagem. A análise também foi realizada com base no funcionamento discursivo dos sujeitos, sendo, então, destacadas as propriedades discursivas. No entanto, desta vez a análise foi realizada sobre todo o discurso existente nas reuniões e não em recortes discursivos, para que o funcionamento da linguagem ficasse em evidência.

### **O procedimento da Análise de Discurso**

Na primeira sessão, no qual foi estabelecido o primeiro contato, não houve temas planejados *a priori*, uma vez que os idosos deveriam iniciar o discurso a partir de seus próprios interesses. Esta sessão teve dois objetivos: a familiarização dos idosos com a pesquisa; e um conhecimento pessoal mútuo.

As sessões foram gravadas em fitas cassete, posteriormente transcritas e analisadas.

Para a realização das análises, selecionamos fragmentos das próprias sessões, e assim, constituímos recortes discursivos, que melhor esclarecem a natureza da análise.

As análises foram realizadas com base no funcionamento discursivo dos sujeitos, sendo, então, destacadas as propriedades discursivas.

A partir do contato inicial com as idosas, realizamos reuniões em grupo com as mesmas, a fim de analisar e dinamizar o funcionamento da linguagem destes, sendo que nestas reuniões a proposta terapêutica já estava sendo empregada.

**Reunião: 1 (assunto: Família)**

**Investigadora A:** *Cada um conta alguma experiência na família, fala um pouquinho sobre sua família. Hoje eu vou começar falando um pouquinho e depois cada uma conta alguma coisa que queira sobre a família. A minha família é grande, a gente gosta de se reunir e eu acho que é bom tá em contato com a família e tudo. por outro lado também quando a família é muito próxima é como algumas de vocês disseram que conviver em conjunto, em grupo é um pouquinho difícil. Por que? Porque quando tá tudo muito junto um dá uma opinião, outro quer dar outra opinião, fica meio que se intrometendo.*

**F1:** *Eu tenho família, mas é pequena. Uns vive mais comigo e outros não. Agora, a desunião é muito pouco. A desunião que eu tenho é com uma cunhada minha, mas os sobrinhos me abraçam. Os sobrinhos vêm, tudo, tem uma irmã que mora com um sobrinho, ela tem 90 anos, ele morava com ela, ela já tava um pouco delirando, 90 anos. Aí esse sobrinho foi e levou ela prá lá. Ele queria me levar pra lá. Eu disse: não vou não.*

**F2:** *Se mudar prá Artur Lundgren. Eu nasci aqui na Várzea. Fiquei pensando, pensando, pensando, ficando em casa sozinha, já criando medo. Criando medo por causa do pessoal que tá tudo... tudo doído. Eu disse: isso aqui num dá certo. Eu sempre doente... que sou doente. É meu, um bucado de troço, mas eu não ligo não. Tô doente, me levanto...*

**M1:** *Eu não tenho família. Meu marido morreu faz 28 anos. Eu resolvi vim prá cá.*

**Investigadora A:** *Prá onde?*



**M2:** Não tenho nada, eu digo que não tenho nada.... Sabe qual é o motivo? Porque um faz 45 anos que foi pro Paraná. Ele escreveu uns 3 meses e depois deixou. Sumiu! E o outro foi prá São Paulo. Enquanto era solteiro se comunicava com os pais, depois que casou, cabou-se. Não deu mais notícia. Ele nunca me procurou, nem quando eu tinha marido.

**A1:** eu ? não tenho nada, morreu tudo!

**A2:** não tenho marido, não tenho pai, não tenho mãe, não tenho irmão, morreu todo mundo.

**A3:** Tenho.

**A4:** São como 4 filhos bons, mas não tenho mais ninguém. Tenho essas amigas aqui tudinho.

**A5:** De jeito nenhum.

**A6:** Só vem as que moram aqui. Vem toda semana e a que não mora aqui liga sempre. Eu tenho isso tudinho. Não é uma riqueza?

**Investigadora A:** Não tem irmãos?

**Investigadora A:** Quem mais quer falar? A...

**Investigadora A:** A!!! .(NOME DA IDOSA)

**Investigadora A:** Não tem nem sobrinho?

**Investigadora A:** Tá vendo, e a senhora nem ia falar deles.

**Investigadora A:** Olhe, já tem muita coisa. Quer coisa melhor?

**Investigadora A:** Mas seus sobrinhos vêm muito aqui?

**Investigadora A:** Com certeza. E disse que não tinha nada.

**Investigadora A:** E a sua MMC?

**M.C1:** *Eu também não tenho família, minha filha. Minha família foi na casa que eu passei 32 anos. Considerava como se fosse minha família, mas tratava bem. Mas, foi o tempo que o patrão adoeceu, os filhos se casaram. E ele era doente nervoso aí ficou a minha patroa: ela não pode trabalhar porque ela sofreu da vista, não enxerga aí foi aquela confusão toda e ela ficou aperriada. Por mim eu não tinha vindo não porque eu gostava, não era? Já faz 2 anos que eu tô aqui. Prá mim já faz bem 10 anos. Eu não esqueço de lá nunca.*

**M.C2:** *porque esse tempo todinho, eu sou muito agarrada com as pessoas, mas as pessoas não é comigo. A minha peca é essa. Tinha uma doente lá que era muito pegada comigo era como criança. Eu me apeguei muito com ela. E a mais nova, esse povo que se casa não quer mais saber que eu criei nem que levava prá colégio nem nada, não vieram mais. Elas podem até telefonar, né? Mas, não sei. As únicas famílias que eu conheci é essas. Uma me botou aqui, eu me aposentei lá, eu não pensei que vinha pro abrigo. Ainda passei 1 ano lá. Mas ele disse: tem que levar porque ela não enxerga mais, não trabalha mais. Ele é atacado da cabeça e é diabético, né? A família que eu conheci é essa que eu me apeguei muito, mas faz 2 anos que estou aqui. Às vezes, tem gente da família eu vejo que desaparece, não são todos, quanto mais eu que não sou, né? Mas não é tão ruim porque vem as visitas, conversa com a gente, tem uma madrinha de adoção, ela de 15 em 15*

**Investigadora A:** *A senhora tá aqui há 2 anos, mas a senhora diz que parece que já faz quase 10 anos. Por que?*

*dias vêm visitar a gente aqui. Pronto, é a visita que eu tenho, né? Alguma vez, vem uma que trabalhou comigo há muitos anos. Ela vem aqui. Essa diz que o marido tá doente, num sei o quê... eu digo: tá certo. O que é que vou fazer? A gente não vive só, né? Vive com Deus, né? Com Deus. É isso. Minha mãe legitima mesmo eu não conheci. Ela deu a gente na usina Aliança e a dona da usina repartiu para cada um uma menina. Mas, a de criação morreu. Foi para a casa de outra família. Acabei para criar outra menina. Casou-se, foi embora pras banda do Rio. Queria me levar, mas a mãe dela não quis aí eu fiquei aqui. 4Ates eu achava que aqui era o bom pastor, mas eu encontrei muita gente boa aqui.*

**M.C3:** *Não sei. Porque são criminosos, pensei. Eu vou sofrer muito!*

**M.C4:** *Não. Eu não conheci abrigo nenhum. Não sabia nem que existia.*

**HI:** *Sobre família eu não tenho nada prá lhe dizer porque não conheço um parente que eu diga: esse parente aqui é da minha família. Agora o motivo de dizer que não conheço ninguém da família foi porque quando eu era pequena meu pai me deu a uma família muito distante do lugar onde eu morava. Os de lá da família nunca me levaram lá porque eu não sabia de onde eu vim, né? Porque era pequena ainda. Aí pronto, prá lhe dizer que não conheço um parente, eu não conheço. Me casei, não tive filho, meu esposo faleceu. Eu fiquei só ainda. Fiquei*

**Investigadora A:** *Por que a senhora achava que aqui era o bom pastor?*

**Investigadora A:** *Mas não tá, né?*

**Investigadora A:** *E a senhora D. H?*

*morando na casa uma porção de tempo, mas depois vi que não dava certo eu ficar sozinha numa casa. Aí procurei e vim pro abrigo. E graças à Deus tô muito feliz, já quase terminando a minha vida, não é?*

**H2:** *Justamente. Meus parentes são as pessoas que moram aqui. São pessoas muito boa que a gente considera como parente. Foi uma coisa que eu tive muita tristeza **quando me entendi de gente** e fiquei sabendo que não era daquela família que tava me criando. Mas o que é que eu ia fazer? O certo era os de lá, que era da família, me procurar, saber como ia, como não ia, não é? Mas, não veio ninguém. Quem me criou nunca me levou lá. Me casei, não tive filho. Meu esposo faleceu aí fiquei sozinha. Vi que não dava mais para viver sozinha aí vim pro abrigo. É o que eu tenho para lhe dizer. Tô feito aqueles 2 irmãos que se casaram sem se conhecer. Posso até conversar com algum deles sem saber que é parente. Eu não conheço, não é?*

**J1:** *Construir uma família é como um prédio. Um prédio de 5 andares com um bom alicerce, uma boa formação... A família é uma coisa importantíssima, é uma beleza, é um lar mesmo. Principalmente quando se entende, quando se tem paciência e fé em Deus.*

**Investigadora A:** *Tá nada! Os seus parentes viraram as pessoas que moram aqui?*

**Investigadora A:** *E a senhora D. J?*

## Análise

**F1**, no seu segmento discursivo, sempre dentro do contexto, antecipa o seu discurso. Por exemplo: “...ficando em casa sozinha, já criando medo.

*Criando medo por causa do pessoal que tá tudo... tudo doido...*". Aqui, ela também silencia o seu discurso, talvez porque em suas formações imaginárias ela tenha pensado que nós não concordaríamos com sua opinião. Mas, logo em seguida ela o antecipa.

Em seu segmento discursivo, **M2** inicia o seu discurso com uma marca discursiva: "*Não tenho nada...*". Nada é um pronome que designa ausência, nenhuma coisa, é indeterminado, pois o que é nada para uns é alguma coisa para outros. Com isso ela restringe o seu discurso, tornando-o metafórico e, assim, deixando um leque de idéias, abrindo para a polissemia. Porém, em suas formações imaginárias, provavelmente Maria imaginou que seria questionada. Desta forma, direcionou o seu discurso, retirando a polissemia que ela havia propiciado no início de seu relato.

Outro aspecto importante encontrado são os segmentos de **A.** pois, os mesmos são metafóricos, além da presença de marcas discursivas. Tais como: "*Eu não tenho nada!... morreu todo mundo*". "Nada" relata nenhuma coisa e "todo mundo é algo indeterminado". Quem é todo mundo? A quem ela está se referindo? Parentes, amigos? Não se sabe. Em **A.3**, ela relata sobre a existência de seus sobrinhos: "*são como 4 filhos bons...*". Neste relato, podemos perceber a relação de forças existente quando Anna compara os sobrinhos a filhos. Há aqui, uma reversibilidade de papéis quando existe esta comparação, provavelmente por o amor de **A** pelos sobrinhos ser semelhante ao de um filho.

**A.** nos seus segmentos discursivos **3 e 5**, relata a existência de amigos: "*... tenho essas amigas aqui tudinho*", e: "*... eu tenho isso tudinho, não é uma riqueza?*" Aqui, **A.** volta a metaforizar o seu discurso, fechando-o.

Outra questão encontrada foi no segmento **2** de **M.C.**, pois ela compara a instituição ao bom pastor: "*...antes eu achava que aqui era o bom pastor, mas eu encontrei muita gente boa aqui*". O discurso da idosa sobre a instituição faz uma relação com um lugar ruim. Em suas formações imaginárias deve existir o conceito de que só quem habita uma instituição, um abrigo, são pessoas más, tristes. Porém, isto é uma relação de forças, pois, para a sociedade, a posição que uma instituição de 3ª idade ocupa é exatamente esta, um lugar habitado por pessoas abandonadas, desabrigadas. Quando ela foi questionada sobre o porquê deste pensamento, respondeu: "*Não sei. Porque são criminosas. Pensei: eu vou sofrer muito!*"

**H,** no segmento **1**, logo antecipa o seu discurso. Em suas formações imaginárias, previu que seria questionada sobre o porquê daquele discurso. Assim, ela logo o antecipou. Podemos encontrar no seguinte trecho de seu relato: "*...Sobre família eu não tenho nada prá lhe dizer porque não conheço um parente que eu diga: esse parente aqui é da minha família.*"

*Agora o motivo de dizer que não conheço ninguém da família foi porque quando eu era pequena meu pai me deu a uma família muito distante do lugar onde eu morava...”*

Já no segmento **2, H.** utiliza a metáfora: *“quando me entendi de gente”*. Com isso o seu discurso abre para a polissemia, lançando um leque de idéias: quando ela cresceu? Quando ela começou a entender as coisas? Não se sabe, ficou indeterminado.

**J.** apresenta um relato fazendo uma analogia entre a construção da família e a construção de um prédio: *“Construir uma família é como um prédio. Um prédio de 5 andares com um bom alicerce, uma boa formação...”*

Finalmente, podemos salientar a presença do efeito da linguagem dos idosos sob a linguagem dos próprios idosos, uma vez que através da interação, o movimento da língua esteve presente ante o discurso apresentado, proporcionando aos idosos momentos discursivos bastante interessantes.

### **Reunião: 2 (Assunto: Mulher de hoje)**

*Investigadora A: A gente sabe que a mulher hoje é diferente da mulher de antigamente, não é? O que vocês acham da mulher de hoje? Tá melhor desse jeito, a mulher mais evoluída ou é melhor como era antigamente que a mulher ficava em casa tomando conta de tudo?*

*M.S1: Quem vai vencer é ela prá se formar e ser alguma coisa. Aí trabalha ela e o marido, quando casar. Hoje em dia quando o marido tá parado a mulher vai trabalhar... se for uma mãe solteira vai trabalhar prá criar o filhinho dela, como eu conheço... e tem muitas assim que tem que trabalhar prá ajudar o filhinho dela e o marido, não acha? umas faz faxina, vai cozinhar, lavar roupa, tudo prá ajudar o marido, para não estar em casa... não querem fazer nada em casa, tem uma pessoa que faz, só quer se distrair na rua, vender qualquer coisa, se distrair e ajudar o marido para não ser as custas do marido... e as outras faz isso mesmo,*

*uma arrumação, outras vão lavar... se vira, procura qualquer coisa.*

**M.S2:** *Eu acho, é uma distração. Eu acho que seja. Agora a gente sendo doente não tem disposição para fazer nada. Ainda tendo a vista boa faz qualquer coisa, mas não tendo, não faz nada. Eu acho que é isso. De primeiro ninguém fazia nada, não saída de casa. ficava em casa, trabalhava em casa...*

**M.F1:** *Não acho importante a mulher trabalhar.*

**M.F2:** *porque não tem necessidade dela estar trabalhando.*

**M.F3:** *Eu acho que não. Se fosse mulher minha não deixava não. Tá faltando alguma coisa para a senhora? Tá não. Então fica em casa.*

**M.F4:** *Não é bem certo não.*

**M.F 5:** *É feio. Eu acho feio.*

**Magnólia6:** *porque se fosse mulher minha não. Tá faltando alguma coisa prá você? Tá não. Então não vai.*

**M.F 7:** *É, deveriam. O mundo seria outro...*

**Investigadora A:** *E você acha importante?*

**Investigadora A:** *Por que?*

**Investigadora A:** *E a independência dela?*

**Investigadora A:** *Mas, e a independência da mulher, você não acha importante a mulher trabalhar hoje em dia?*

**Investigadora A:** *Por que?*

**Investigadora A:** *E por que você não acha certo?*

**Investigadora A:** *Então você acha que as mulheres deveriam continuar a ser como as de antigamente?*

**Investigadora A:** *Mas o mundo não está ruim por causa disso.*

**M.F 8:** *Mas tá muito ruim. Não tá nunca nem a metade do que era...*

**M.F9:** *Justo. A mulher tá trabalhando, tá com dinheiro, quer ter a mesma força que o marido.*

**M.F10:** *Não. Ficava com o ruimzinho. Fico com qualquer uma roupa. Eu não tô com qualquer uma roupa e tô viva. Tudo o que ela vê eu vejo...*

**D1:** *Eu quero dizer uma coisa muito certa: trabalhei 8 anos na máquina costurando...*

**D2:** *não, não, não, não.*

**D3:** *Eu num trabalhei! Na maquina né? Prá mim e pros meus irmãos. Nunca casei, nunca tive filho.*

**D4:** *Eu acho certo ele trabalhar.*

**D5:** *Justo.*

**Investigadora A:** *E você acha que isso é porque as mulheres estão trabalhando?*

**Investigadora A:** *E se você precisasse de uma coisa e seu marido não lhe desse, você não ia trabalhar?*

**Investigadora A:** *Mas você acha certo, hoje em dia, as mulheres saírem de casa para trabalhar, ser independente?*

**Investigadora A:** *O que você acha das mulheres de hoje?*

**Investigadora A:** *Mas, qual a sua opinião sobre as mulheres de hoje em dia? Você vê falando na tv que as mulher ;e governadora, ganha mais que o marido, o que você acha disso tudo?*

**Investigadora A:** *E a mulher? Ficar em casa?*

## Análise

**M.S** relata: *“Hoje em dia quando o marido tá parado a mulher vai*



*trabalhar... umas faz faxina, vai cozinhar, lavar roupa, tudo prá ajudar o marido, para não estar em casa... só quer se distrair na rua... se distrair e ajudar o marido para não ser às custas do marido...".* há uma constante antecipação de relatos, um explicando o outro. O seu discurso apresenta uma discordância sobre a reversibilidade de papéis existente entre o homem e a mulher, quando relata: "... ajudar o marido para não ser as custas do marido...".

Vale salientar que, além de **M.F, D.** novamente concorda com a relação de forças existente: "...*Eu acho certo ele trabalhar..*". Aqui, houve um efeito de evidência. Para **D.** o seu silenciamento não precisava da conclusão do dito, pois, para ela, subentendia-se o que ela estava querendo dizer. Evidentemente, o seu discurso não era transparente, pois a **Investigadora A**, logo em seguida, não devolveu o dito, mas tentou adivinhar o que **D.** silenciou.

Novamente destacamos a presença da interação das idosas através do discurso. Vale salientar que a evolução da interação, e conseqüentemente um maior movimento da linguagem, desta vez, foi notório. Pôde ser percebida uma maior participação das próprias idosas no discurso sobre o assunto – Mulher de Hoje. De um modo geral, as idosas têm em seu discurso a importância do desenvolvimento do indivíduo enquanto mulher, sendo ele pessoal ou profissional. Nos seus discursos fica bem explícito o desejo delas em terem tido sua liberdade e direito de fazer o que tinham vontade. Trabalhar, sair, passear. Estas declarações podem ser encontradas nos segmentos desta reunião.

### **Reunião: 3 (Assunto: Situações Cotidianas)**

**Investigadora A:** *Quem é que assisti a novela das seis?*

**SI:** *Todo mundo.*

**Investigadora A:** *todo mundo sabe que tem aquela Amelinha, né? vou contar um pedacinho. ela namorava com edu e ela traia Edu com o peão da fazenda. só que ela tá grávida. agora, provavelmente ela tá grávida do peão. mas aí ela disse prá Edu que tava grávida dele prá prender ele. o que é que vocês acham disso? (silêncio) uma mulher grávida de outro homem, mas dizendo que tá grávida do outro prá poder o outro ficar com ela.*

*S2: ela nem gosta dele e nem gosta do peão e nem gosta do pai e nem gosta de ninguém. Ela só gosta dela ... ela é um poço de maldade. Você viu o que ela fez com a irmã? Ela foi buscar a irmã no colégio e ela tá com raiva porque tá grávida porque por ela, ela já tinha tirado aquele menino... ela tá usando aquela gravidez pela chantagem e como a irmã tem aquelas visões ela deixou a menina na estrada prá menina vim sozinha à pé. E ameaçou a empregada, a empregada disse que ia contar tudo ao pai dela, e contou realmente aí ela disse: seu emprego tá perdido. Ela é má, é perversa.*

*S3: Aí o pai chamou a empregada e disse: você roubou todas as jóias da minha filha. Quer dizer isso não acontece apenas em novela não. O povo diz que as novelas botam o povo a perder. Não, a novela não bota a perder não, a novela é uma **lição de vida**, é uma lição de vida. Tem muita coisa na novela que eu acho na minha... impressão, na minha não deveria passar porque as novelas só deveriam transmitir coisas boas. Assim, coisas decentes. Mas, a gente que vive num que tem muita maldade. Então aquilo que ela tá fazendo com a empregada, o mundo tá cheio. Tem muita patroa que tem raiva da empregada, quer botar a empregada prá fora sem pagar os direitos da empregada, ela arruma um jeito de dizer que a empregada é ladrona e coloca a empregada prá fora sem pagar. Aí daqui que aquela empregada vá provar que é inocente... minha filha... ela já é... já estragou a vida dela... já tá em idade... não tem*

**Investigadora A:** Foi por isso que ela colocou as jóias, né?

*mais condições de trabalhar... ninguém acredita porque fica desacreditada porque você não quer uma pessoa na sua casa que... você diz assim: mas ela parece ser uma criatura tão boa, mas se já tem a mau informação da patroa, que roubou, que fez e aconteceu, você fica confiando desconfiando. Quer dizer que o mundo está cheio de maldade, não é só em novela, não é só no mundo social não é em todo canto que existe maldade. Agora eu faço igual ao Padre Marcelo: “existe uma doença que não tem cura e não tem remédio: inveja”... pior doença do mundo é a inveja. Da inveja a gente não se livra. Se quem tem inveja, de quem faça maldade. Tem gente que anda com a Bíblia debaixo do braço, criticando a vida dos outros, fazendo maldade, rezando, aplaudindo, louvando, batendo palma e o subconsciente: fulano é isso, fulano é aquilo... porque eu estou careca de ver e conviver com pessoas desse tipo.*

**H.C1:** *Minha filha, de novela eu não lhe digo nada porque eu não assisto*

**H.C2:** *Ah, desse sentimento ruim é uma coisa triste porque... num, num quer dizer que antigamente não aparecia não aparecia umas certas coisas, aparecia, às vezes. Mas, como hoje? Hoje tá uma coisa horrível mesmo, tá muito mesmo. Mas, não pode se falar em coisas antigas porque era coisa de*

**Investigadora A:** *É verdade. Mas, essa questão de que hoje em dia, o mundo realmente. Assim, a gente vê 90% de coisas ruins e 10% de coisas boas. E o que é que tu acha H.C de tudo isso que Solange tá falando?*

**Investigadora A:** *Mas, desse sentimento ruim que a gente tá vendo no mundo...*

cafona, hoje tudo é moderno, tudo que parecer certo e errado é do, é, é do tempo é, é como é que eu ia dizer?... eu tô com uma cabeça era uma coisa seria mesmo o que a gente ouve dizer. Eu, quando começou a televisão eu assisti muita novela... mas, que novelas eu assistia? Era mamãe Dolores, O direito de nascer, Senhora de Engenho e outras...mas era uma coisa que podia se ver, mas hoje... primeiramente eu não tô entendendo nada e acho que é uma coisa horrível as novelas de hoje, não assisto mais não.

**H.C3:** *Naquele tempo, falasse em uma coisa antiga: Ah, isso é coisa de cafona, é coisa de já era. Então leve como vocês quiserem, agora tem uma coisa... precisa-se saber que quando a gente chegar lá em cima diante do pai a gente vai dar conta dessas coisas... porque ele vai dizer a cada um de nós: Dai-me conta da tua vida. O que fizeste? Ele não sabe o que foi que a gente fez? Mas, ele pede conta... de tudo que a gente fez. Tinha um livro antigo que hoje não tem que dizia que é pecado se usar prá figuras indecorosas, repare? Quem era que antigamente falava numa coisa, falava até coisa no tempo dos escravos, mas não se ouvia dizer que a filha tinha filho do pai... e hoje o que é que se vê? É natural, né? É moderno, é o mundo prá frente. Então vá prá frente, não vire as costas não, vá prá frente (RISOS) deixe que tudo que vier tá certo, né? Tudo que vier tá certo.*

**Investigadora A:** *Mas, o que passa nas novelas de hoje é o que tá acontecendo no mundo, né? Se a gente vê na novela, a menina engravidou de um homem e disse que era de outro, ela faz essas ruindades toda com a irmã, que a gente vê. É a questão da traição, que passa naquela novela das sete...*

**Investigadora A:** *E você M.S, o que acha de tudo que estamos conversando?*

**M.S1:** *Eu não escutei nada.*

**Investigadora A:** *Olhe, a gente estava conversando da ruindade que o povo tá fazendo hoje em dia, da violência...o que é que tu acha desses sentimentos? Acha que é bom, que é ruim, que existe mesmo ou que não...*

**M.S2:** *Falsidade? Existe demais. Eu brigar com você por falsidade? saber que uma mata a outra, eu vou lhe contar? Não conto. É o mundo todo que não presta.*

## Análise

**S.**, em **S2**, tem em seu discurso uma interpretação das ações e atitudes da personagem da novela, mesmo sendo o discurso opaco e as situações irrealis. Existindo assim, uma posição autoritária desta em relação à personagem, pois de acordo com Solange, a personagem é uma mulher má e chantagista: *“Continuando a novela: ela nem gosta dele e nem gosta do peão e nem gosta do pai e nem gosta de ninguém. Ela só gosta dela ... ela é um poço de maldade. (...) ela tá usando aquela gravidez pela chantagem...”*

**S.**, em **S3**, utiliza em seu discurso a metáfora *lição de vida*, e ainda, a presença das palavras divinas como justificativa para seus pensamentos e atitudes existentes no mundo atualmente: *“...o mundo está cheio de maldade, não é só em novela, não é só no mundo social não é em todo canto que existe maldade. Agora eu faço igual ao Padre Marcelo: “existe uma doença que não tem cura e não tem remédio: inveja”... pior doença do mundo é a inveja...”*

No segmento **H.C3**, existiu a presença de metáforas como: *“coisa de cafona”* e *“coisa de já era”*. Acredito que **H.C** usou essas expressões pelo fato de nas suas formações imaginárias estar pré-estabelecido que estas seriam expressões conhecidas pela interlocutora e as demais idosas.

Outro aspecto importante encontrado no discurso dos idosos é o efeito que gera efeito. Melhor explicando, o discurso de um gera efeito no discurso do outro, colocando, desta maneira, a linguagem em movimento, através da interação com o outro.

Por fim, o relato dos demais idosos. Neles podemos constatar uma relação de sentido, já que a interlocutora sempre teve que estar resgatando seus discursos anteriores para poder fazer com que as idosas resgassem a idéia central da reunião e pudessem falar, opinar. Podemos citar como exemplo o trecho abaixo: **Investigadora A:** “*E você M.S, o que acha de tudo que estamos conversando?*”, **M.S1:** “*Eu não escutei nada*”, **Investigadora A:** “*Olhe, a gente estava conversando da ruindade que o povo tá fazendo hoje em dia, da violência...o que é que tu acha desses sentimentos? Acha que é bom, que é ruim, que existe mesmo ou que não...*” e **M.S2:** “*Falsidade? Existe demais. Eu brigar com você por falsidade? saber que uma mata a outra, eu vou lhe contar? Não conto. É o mundo todo que não presta*”.

No confronto dos discursos das 18 idosas participantes da pesquisa em grupo, através da Análise de Discurso (AD), procuramos destacar as semelhanças entre as propriedades discursivas existentes. Identificamos cinco propriedades discursivas, que passamos a explorar mais adiante.

### **Linguagem infantilizada do interlocutor**

As idosas, em vários momentos dos seus respectivos discursos, utilizam uma linguagem infantilizada. Talvez, para elas, a volta da utilização da linguagem infantilizada tenha algum significado maior, uma vez que as crianças têm menos cobrança, recebem mais carinho e atenção. Podemos destacar a utilização da linguagem infantilizada nos segmentos discursivos de **A.L2:** “*...estou nas mãos de papai-do-céu...*” Papai-do-céu é uma expressão utilizada por crianças numa forma mais inocente de se referir a Deus.

### **Metaforização da posição do indivíduo senil para a própria “doença”**

Diante do discurso das idosas, podemos perceber a metaforização do indivíduo senil como sendo a própria doença. Talvez este atributo seja dado por elas a si próprias pelo fato de esta ser a única possibilidade de materializar o que sentem, o que desejam expressar ou até para chamarem a atenção, através dos seus discursos. No recorte individual da idosa **I**, a sua necessidade de falar sobre seus problemas é evidente, tanto que ela relata: “*...o que não falta é doença em mim*”. Através de seu discurso, ela metaforizou algo que “*incomoda*” e ao qual ela sente necessidade de dar ênfase.

### **Atribuição divina**

A presença de Deus para a solução dos problemas ou compreensão e consolo para os mesmos é uma propriedade discursiva de muito peso para os idosos. Talvez isto se dê pelo fato de que o indivíduo quando vai ficando mais idoso, apresenta um apego mais forte à religião. Por terem sofrido momentos difíceis, criam este vínculo à imagem divina como solução para todos os problemas. É comum, quando estamos passando por situações difíceis, quisermos acreditar em algo, nos apegar a alguma crença. E isto é o que podemos encontrar com bastante frequência nos segmentos discursivos das idosas. A idosa **J.P.**, relata: “...pedi a Deus que tomasse conta, que Deus resolvesse esse problema...”. Aqui ela enfatiza Deus como solução, aquele que irá resolver o que ela tanto deseja. Percebemos neste segmento, a devoção, o carinho, o apego que estas idosas depositam na divindade, o que é comum na fase senil das nossas vidas.

### **Ênfase dada à velhice**

As idosas também enfatizam a velhice de uma maneira negativa. Talvez por tanto escutarem da sociedade que o idoso não produz, não tem serventia, eles terminam se auto-rotulando como algo sem função, vendo-se como estorvo para a família e/ou sociedade. A idosa **A.** relata em **A1**: “*E eu sei mais... com essa idade, já passei por tudo.(...) Não faço mais nada, eu num já disse, só fico preguiçando...*” Aqui, ela deixa claro que não tem mais o que fazer por ser idosa, não sabe mais de nada, como ela mesmo relata.

### **Cobrança da presença familiar**

As idosas, em seus relatos, demonstram a falta da família e a vontade da presença desta em suas vidas. Talvez pelo fato da família ser a nossa base, o nosso alicerce, as idosas sintam falta. Como o indivíduo nesta fase da vida fica mais sensível à modificações, o fato da família estar ausente os deixa mais abalados emocionalmente, o que não é bom para o indivíduo como um todo. Podemos encontrar isto em diversos relatos, sendo destacado em **J1**: “...*Aí ela disse: mas, tu vai visitar Júlia e me deixar sozinha aqui. Repara! Agora eu digo, sabe quantas vezes ele veio: nenhuma, minha filha!...*”.

## Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo manter a linguagem do idoso institucionalizado em funcionamento, através da interação com o outro, buscando maiores possibilidades de prevenir quadros como depressão, ansiedade, demência e outras situações relacionadas à ausência de atividades de linguagem.

Este objetivo surgiu pelo fato de acreditarmos que, ao manter a linguagem do idoso institucionalizado em movimento, através da interação com o outro, podendo este outro ser o fonoaudiólogo, a família ou outro idoso, a linguagem do idoso irá evoluir, manter-se em funcionamento e, com isso, minimizar problemas relacionados a ausência de comunicação.

Em nosso trabalho, pudemos constatar que a linguagem dos idosos institucionalizados, selecionados em nosso estudo, apresentou evolução, pois o movimento da linguagem foi evidenciado durante as reuniões em grupo, que foram de grande valia para a vida das idosas, pois proporcionaram momentos de descontração, interação e desenvolvimento da linguagem, posta em prática através das conversas existentes nas reuniões.

É importante ressaltar que nas análises dos discursos das idosas foram encontradas cinco propriedades discursivas: linguagem infantilizada do interlocutor, metaforização da posição do indivíduo senil para a própria “doença”, atribuição divina tanto na compreensão das suas dificuldades como para a solução destas, ênfase dada à velhice e cobrança da presença familiar.

Assim, considerando o que foi exposto sobre a linguagem dos idosos, concluímos que através da proposta interacionista os idosos recuperam a sua atividade mais prazerosa: a linguagem, por meio da interação social. Nesta perspectiva, a proposta interacionista de atuação fonoaudiológica junto a idosos institucionalizados é de extrema importância, não apenas para a recuperação, mas também para a manutenção da linguagem do idoso, podendo ser realizada através do contato entre o idoso e o outro, seja ele individual (fonoaudiólogo e/ou família X idoso) ou, como no caso da nossa pesquisa, em grupo (fonoaudiólogo e/ou família X idoso X idoso).



## Referências

- AZEVEDO, N.P.S.G. **Uma análise discursiva da gagueira:** da alienação na língua ao silenciamento. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) PUC – SP, 2000.
- BACELAR; R. **Envelhecimento e Produtividade:** Processos de subjetivação. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 1999.
- BARROS; I.B.R. *et al.* **A linguagem do idoso institucionalizado.** Monografia de conclusão do curso de Fonoaudiologia. UNICAP, 1999.
- CARVALHO; V.F.C; FERNANDEZ; M.E.D. Depressão no idoso. In: NETTO; P.M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 1996.
- DIAS; A.C.G. (1998). Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade. In: CASTRO; O.P. **Velhice, que idade é essa?:** uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998.
- GATTO; I.B. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In: NETTO; P.M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 1996.
- LEME; L.E.G. **O envelhecimento.** São Paulo: Contexto, 1998.
- LEME; L.E.G; SILVA; P.S.C. O idoso e a família. In: NETTO; P.M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 1996.
- LEMOS; C.T.G. **Processos metafóricos e metonímicos:** seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. São Paulo (digit.), 1999.
- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação.** São Paulo (digit.), 2000.
- MAC-KAY; A.P.M.G. Distúrbios da linguagem: Demência. In: RUSSO; I.C.P. **Intervenção fonoaudiológica na terceira idade.** Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
- NETTO; A.J. Aspectos psicossociais do envelhecimento. In: RUSSO; I.C.P. **Intervenção fonoaudiológica na terceira idade.** Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
- ORLANDI; E.P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.
- RODRIGUES; R.A.P. *et al.* O envelhecimento do ser humano. In: RODRIGUES; R.A.P; DIOGO; M.J.D. (ORG). **Como cuidar dos idosos.** Campinas: Papirus, 1996.
- SOUZA; A.L.L; PIMENTEL; B.S. **O idoso no Brasil.** Disponível na internet em <<http://www.prateada.webbr.nethindex.htm>> Acesso em 15 de out de 2001.
- TUBERO; A.L; *et al.* A linguagem do envelhecer entre muros. In: MARCHESAN; I.Q; *et al.* **Tópicos em Fonoaudiologia.** Vol: III. São Paulo: Lovise, 1996.
- VIEIRA, C.H. O sujeito entre a língua e a linguagem. In: **Série Linguagem**, nº 2, (63-70), 1997.

